
A PEDAGOGIA DAS PESSOAS

Notas

Potiguara Mendes da Silveira Jr.

UFJF

Durmo quando sonho o que não há;
vou despertar quando sonho o que pode haver*.
... antes só que, até, bem acompanhado**.
Fernando Pessoa

O texto princeps da pedagogia ocidental moderna é o Emílio, de Jean-Jacques Rousseau, onde pela primeira vez a "criança" é tratada como entidade autônoma e não mais como um adulto em miniatura. Como sabemos, Emílio é uma personagem literária, cujo acompanhamento desde seu nascimento nos apresenta o esquadrinhamento detalhado dos passos que uma criança supostamente daria até chegar à "idade da sabedoria e do casamento (de 20 a 25 anos)"¹ - (resultado que, aliás, muitos não hesitariam em colocar como contradição em termos)... O que nos interessa destacar é a idéia que, em dado momento, Rousseau faz de seu Emílio formado: "um amável estrangeiro", "diferente dos outros", cuja "diferença será sensível sem ser incômoda" e a quem as pessoas "amarão sem saber por quê"². São propósitos no mínimo enigmáticos e que excedem a demonstração pretendida de que "Emílio é um homem de bom senso, e não quer ser outra coisa"³, pois só será "precisamente o que deve ser um bom pai de família e um homem sábio"⁴.

O que acontece, então, que faz com que o processo pedagógico resulte num "amável estrangeiro", ainda que com o "amável" se busque amenizar a condição de "estrangeiro", ou com o "ser sensível sem ser incômoda" atenuar a sua "diferença"? E por que as pessoas o "amarão sem saber por quê"? Percorrer o roteiro aberto por estas questões nos colocará - assim o pretendemos - na trilha de extrair da obra de Fernando Pessoa elementos para o entendimento de alguns pontos cruciais da situação do homem na contemporaneidade.

* * *

Pedagogia, em grego, significa "acompanhar a criança". Operação delicada, tida mesmo como impossível. Ainda assim, realizada a cada Criança Nova que surge. É uma tarefa que concerne a todos, e muito além do que se lê de regras gerais em manuais de educação, para cada um de nós a referência sempre será a pedagogia pela qual passamos. Seu processo é dinâmico, só se efetiva em ato e os educadores, como vimos com Rousseau, ao explicitarem seus objetivos não têm como não recorrer a noções que acabam por apontar para (ou melhor, contar com) um imponderável sem o qual não se efetivam. Os gregos diziam que a educação visava a Areté, a Virtude, a Excelência, que até se definia bem quando circunscrita a ideais guerreiros e políticos, mas cujo atingimento exigia mesmo que se extrapolasse o conjunto dos procedimentos aprontados para sua aquisição. Por isso, acreditavam ser impossível ensiná-la, já que "são inatos o tato, a presença de espírito e a previsão", como nos lembra Werner Jaeger em seu tratado sobre a Paideia⁵.

O impossível acima referido, embora constantemente mencionado no decorrer da história, pode hoje, final do século XX, ser considerado como "maneira de dizer", pois já está claro que os imponderáveis que se verificam no processo educativo estão presentes em todos os procedimentos mediante os quais uma verdade se apresenta para o homem (como coloca Alain Badiou⁶). Ou seja, se há impossível no Amor, procedimento em que se incluiria a Pedagogia; também o há na Política, no "é impossível governar" freqüentemente aludido; na Ciência, que, por mais que funcione no controle dos passos da experiência, sabe

que só depois de efetivadas é que suas invenções justificam qualquer certeza ou previsibilidade; e no procedimento poético, onde o impossível não só é evidente como é seu objeto privilegiado. O que nos interessa ressaltar é o fato simples de que apesar dos impossíveis, ama-se, educa-se, governa-se, faz-se poesia e ciência. Tudo isso ocorrendo não apenas precariamente como se admite, mas sobretudo do modo que há para fazê-los.

A partir destas primeiras considerações, o que podemos dizer sobre a Pedagogia que há?

* * *

Neste ponto, vejamos algumas contribuições da psicanálise, cujos achados recentes têm buscado aprofundar as conseqüências da afirmação freudiana de que "a psicanálise é uma educação". Afirmação que não é sem problemas, pois se a educação não opera senão inculcando ou reforçando recalques (repressões mesmo) no educando e o método psicanalítico visaria suspendê-los, como pensar essa educação psicanalítica?

O campo de estudos e pesquisas desenvolvido pelo que se denominou Nova Psicanálise, na linhagem de Freud, via Lacan, e mediante os avanços trazidos por MD Magno, nos apresenta seu escopo teórico assentado sobre uma abordagem original do conceito de Recalque⁷, do qual destaca três níveis. Parte-se da constatação - extraída tanto do que se escuta das pessoas em análise quanto das teorias de simetria da física atual - de que: o movimento de tudo que há, do Haver, ao atingir seu ponto extremo, revira sobre si mesmo por radical impossibilidade de, como é seu desejo, anular-se absolutamente, não-haver. Daí temos a formulação de uma Fantasia primordial que se põe como Lei desse processo, que é: Haver desejo de não-Haver, AàA - não havendo, portanto, segundo esta afirmação, nenhum desejo de Haver. Já podemos perceber que isso vem problematizar o fundamento de tudo que consideramos ser conhecimento, desejo de saber, progresso... Ou seja, se o que desejamos é o Impossível não-Haver, qualquer outra coisa dada necessariamente se colocará como formação - outro conceito da Nova Psicanálise - menor, decadente. Está aí instalado o drama de nossa

situação: para nos mantermos nesse movimento desejante do que não-há, temos que cuidar das formações do Haver - nosso corpo, nossas arrumações sociais, mentais, o chamado meio-ambiente... -, caso contrário, não conseguiremos nem desejar o Impossível.

Concebe-se, então, que o movimento desejante, deparando-se com a impossibilidade de não-haver, realiza uma operação de avessamento e conseqüente retorno (obrigatório) para dentro do Haver, a qual é conceituada sob o nome de Revirão⁸ (também existente na espécie humana como disponibilidade sua para a reversão do que quer que se lhe apresente). Ou seja, tanto o Haver quanto o Homem estão apensos a um movimento que, em última instância, deseja a morte. Freud chamou-o de Pulsão de Morte, mas colocou sua realização só sendo possível como Pulsão de Vida. Levando-se isto às últimas conseqüências, retira-se o postulado de que a Morte não há (o que há é perecimento dos corpos) por absoluta impossibilidade de ser experienciada em vida. Estamos, pois, diante de um movimento pulsional que é empuxado no sentido de um Impossível que, em não havendo, vai indiferenciar todos os seus elementos e o condenar inexoravelmente a ter que retornar para o que há. Um não-Haver impossível coloca-se, portanto, como Causa (em Vazio) do próprio movimento e o hiperdetermina fundamentalmente.

Segundo esta perspectiva, o essencial da espécie humana se fundamenta unicamente no fato de ela ser portadora dessa máquina de Revirão, o que a diferencia das outras espécies conhecidas (que parecem operar dentro de programas já acabados). Uma vez, então, que o não-Haver não há, mas é desejado, o fato de haver este desejo de Impossível, e de inelutavelmente deparar-se com sua impossibilidade de passar a não haver, funda o Recalque Originário, o qual vai colocar o não-Haver como para sempre perdido. É um recorte sobre o Revirão total que há tanto para a homem quanto para o Haver. Assim, estabelece-se o que se chama de vida nas bases que conhecemos e tem-se um plano mínimo sobre o qual ainda incidirão outros recalques. A vida, portanto, é pura resistência à reversibilidade original.

Outro nível é o Recalque Primário, que diz respeito ao que portamos como estruturas biológicas e etológicas. Ou seja, nossa corporeidade e os comportamentos nela inscritos já são limitações primárias à nossa disponibilidade original à reversibilidade. E há ainda o

nível do Recalque Secundário que - como se imitasse o que no nível primário se impõe como impossibilidades decorrentes da biologia (aliás, idêntica à dos animais) e de sua etologia - vem a produzir uma neo-etologia, que é o que chamamos Cultura ou Simbólico. Muitos acham que aí estaria a verdadeira diferença para com as outras espécies, pois seria onde se dispõem nossas possibilidades de criação e de modificação (de flexibilização, como se diz atualmente). Mas as coalescências, as formações secundárias, uma vez instituídas, ainda que resultantes de processos criadores os mais elevados, se empedram e passam a ser duros empecilhos para novos passos. Só mediante longas e trabalhosas investidas é que se conseguem mudanças. Neste sentido, pode-se mesmo afirmar que, em termos culturais, apesar de todos os progressos, a humanidade ainda não conseguiu sair das bases estabelecidas no Neolítico (5000-2000 a.C.), isto é, permanece presa às referências animais de uma suposta interdição de incesto (sem comprovação sustentável) que faria a passagem de Natureza a Cultura.

O Recalque assim visto, em seus três níveis - primário, secundário e originário -, nos coloca diante do fato de que tudo que se encontre como formação no Haver, "desde uma formação anatômica até uma formação social, é uma força recalcante da disponibilidade absoluta [do humano e do Haver] para o que der e vier"⁹. Desse modo, qualquer prática dita pedagógica, cuja base esteja assentada sobre reiterações do que dada cultura tem por estabelecido, mesmo que afirme o contrário, estará apenas operando no nível secundário e, em última instância, fomentando o pré-conceito (o racismo) em relação a outras possibilidades não só culturais como mentais. Percebe-se bem que as impossibilidades em vigor tanto aí quanto no nível primário (limitações impostas pela biologia), por mais intransponíveis que nos pareçam em dado momento, estão muito aquém daquele Impossível originário, que, mesmo não havendo, não cessa de ser requisitado pelo movimento pulsional. Somos, portanto, uma espécie "maluca", portadora de uma máquina absolutamente reversível dentro de uma corporeidade animal com irreversibilidades duras e inultrapassáveis (a não ser após longo tempo ou cujo custo de mudança seria altíssimo).

* * *

A partir desses pressupostos, propõe-se que uma **Pedagogia Freudiana** pode ser pensada sim, desde que no único "compromisso com a máquina de reviramento e com seu manejo dentro do mundo, no sentido de fazer o indivíduo acrescentar-se nas suas possibilidades de manejo de mundo a partir de sua essencialidade"¹⁰. Para pensar esse manejo de mundo - que é o que nos interessa -, considere-se outro postulado: tudo que surge como movimento desejante para o homem está na dependência de algum tipo de Vínculo, que fundamenta os liames, as "relações", na sociedade. Assim sendo, o que se possa pensar como político (e pedagógico) no mundo se desenha em função de um aparelho vinculatorio que deve ser estudado e descrito no sentido de uma reflexão mais precisa sobre o que é e o que pode ser a ação humana (tanto do homem em relação a si mesmo e aos outros quanto de suas intervenções no mundo).

Rousseau apontava o fundamento da vinculação humana numa "educação pela natureza", à qual bastava que o preceptor seguisse na condução de seu educando. Esta educação seria alicerce para o "contrato social" que viria a realizar uma vida em comunidade baseada na liberdade (para ele, a vontade geral é sempre dirigida para o bem comum). As, digamos, forçações de barra em Rousseau são notórias e conhecidas, mas mesmo assim continuam presentes em muitos discursos de hoje. O que se produz como pensamento sobre Ecologia, por exemplo, não conseguiu liberar-se do peso dessas concepções. Então, como essa questão do Vínculo e a pragmática pedagógica dela decorrente poderiam propiciar um entendimento mais preciso da situação humana?

É lugar comum dizer-se que nossa época vive uma "crise", que os fundamentos ruíram, etc. Pode-se até concordar, mas se queda houve foi do que se estabeleceu como fundamentos num período bastante datado. Na verdade, temos hoje explicitado como nunca anteriormente a inadequação radical do homem a qualquer establishment (o qual é necessariamente resultado da ação das forças recalcantes da competência de sua máquina reversiva fundamental). Os avanços da tecnologia e a inédita difusão informacional característicos deste nosso fim de século ocasionaram um escancaramento da artificialidade das vinculações que, no decorrer da história, foram tomadas como tendo

fundamento natural. Segundo o vocabulário da Nova Psicanálise, estes são vínculos de baixa extração, etológicos e neo-etológicos, cuja função, embora necessária, seria apenas a de arrumar condições de jogo mínimas para as ações humanas. Mesmo dando aparências de perda generalizada dos valores, essa explicitação pode talvez nos possibilitar o entendimento mais claro de que a referência fundamental do homem é à sua instância originária, na qual, para aquém e para além das viscosidades dos níveis (animalescos) primário e secundário, um Vínculo Absoluto vincularia todos em relação a ele, mas não cada um a cada outro. Ou seja, todos se reconhecendo ligados à experiência do Vazio de significação originário da situação humana, mas sem vinculação "natural" entre si. Assim, pode-se entender por que os vínculos permanecem mesmo em situações de pânico e de dispersão entre os homens. E só assim, talvez, o cuidado para com o outro, tanto seu próximo quanto seu meio ambiente, possa efetivar-se de modo mais eficaz porque livre de apegos piedosos, piegas e espúrios.

A Pedagogia Freudiana é o procedimento que visaria empurrar cada um à rememoração de sua experiência originária do Vazio - ou, como chamou Fernando Pessoa, do Cais Absoluto¹¹ de nossa condição humana. Como dissemos, este é o ponto extremo onde, diante da oposição última a um não-Haver (que não há, mas é desejado), se indiferenciam todas as formações opositivas (preto/branco, homem/mulher, esquerda/direita, isso/não-isso...) internas ao Haver. Aí, e só aí, é o lugar da criação humana. Ou seja, de, mediante a operação de Revirão, retornar-se ao Haver com novas possibilidades de estruturação do que há. A Pedagogia Freudiana é, pois, na referência a seu Vazio de fundação, o processo (infinito) de acompanhar e acossar cada um no exercício de suas competências humanas.

* * *

Após esta breve (e muito resumida) incursão pelos achados recentes da psicanálise e por algumas questões que afligem ou parecem afligir a contemporaneidade, será que poderíamos pensar numa pedagogia de Fernando Pessoa¹²? Teria ela algo a ver com o que,

malgré lui, Rousseau deixou escapar como sendo o "amável estrangeiro"? E que relações teria com a Pedagogia Freudiana?

As pessoas do Pessoa, suas personagens, suas máscaras, são rigorosamente exemplares do que possa ser uma estadia no mundo, no Haver, com uma concepção precisa do Vínculo Absoluto e de sua efetiva experiência. A heteronímia que construiu não é um exercício meramente intelectual, e sim uma pragmática levada ao extremo, à *secura* dos conteúdos das vinculações. Justo por isso, dando conta das afetações específicas de cada uma de suas personagens: "Tive sempre, desde criança, a necessidade de aumentar o mundo com personalidades fictícias, sonhos meus rigorosamente construídos, visionados com clareza fotográfica, compreendidos por dentro das suas almas"¹³. É "uma tendência orgânica" que o tomou a ponto de não saber se essas pessoas "realmente não existiram, ou se sou eu que não existo"¹⁴.

Tocamos aí num ponto muito mal tratado por algumas reflexões bastante em voga atualmente. Afirma-se, por exemplo, que o mal de hoje se deve ou a um narcisismo excessivo, ou, na linhagem de Rimbaud, à conclusão de que o eu não é apreensível, pois se outrifica permanentemente. A nosso ver, o que a obra de Fernando Pessoa vem demonstrar é que não há o menor sentido em restar-se preso a nenhuma dessas posições - narcisismo ou outrismo -, pois o testemunho que nos dá é o daquele ponto de neutralização onde se indiferenciam absolutamente quaisquer personalidades e conteúdos que lhe sejam atribuídos. Então, longe de ficar olhando para o próprio umbigo ou permanentemente ser "um outro", sua posição é a de ser "ninguém. Ninguém, absolutamente ninguém"¹⁵. *Personne*, em francês: pessoa e ninguém - um irreduzível Vazio, a partir do qual pode-se "ser tudo de todas as maneiras"¹⁶. Este, aliás, seria um lema para sua Pedagogia, para a qual "tudo vale a pena"¹⁷ - justamente tudo não vale a pena quando a alma é pequena, isto é, quando se está atrelado a uma ou outra(s) personalidade(s) não querendo saber que "cada um de nós é vários, é muitos, é uma prolixidade de si mesmos"¹⁸ e que "venha o que vier, nunca será / Maior que minha alma"¹⁹.

O eu em Fernando Pessoa, o "pavorosamente eu"²⁰, é colocado como um lugar externo que, para se construir, teve que se destruir e secar a ponto de ser pura e simplesmente "a cena viva onde passam vários

atores representando várias peças²¹. O processo de destruição e construção renovada de todos os conteúdos - das "imagens do que vi e ouvi no mundo - vão casas, caras, livros, cidades, rastros de música e sílabas de vozes" - é a pragmática que nos expõe. Para demonstrá-la, constrói uma "geometria do abismo"²², cujo eixo é "o nada em torno do qual este movimento gira", e cujo objetivo é "só para que gire, sem que esse centro exista senão porque todo o círculo o tem"²³. Assim, "eu, verdadeiramente eu, sou o centro que não há nisto"²⁴ senão por esta geometria. "Sou o poço sem muros, mas com a viscosidade dos muros, o centro de tudo com o nada à roda"²⁵. Note-se a viscosidade que não se elimina, pois ser ninguém ainda é ser algo. O importante é a clarividência de ser em abismo, que, nos termos do que vimos acima, resulta da experiência de "reconhecimento de um Haver indiferenciado diante de um não-Haver que lhe é impossível continuar desejando diretamente"²⁶. A partir da freqüentação desse ("impossível, único, tudo") Cais Absoluto, não há como não retornar aos viscos do Haver, mas não para deixar-se colar, e sim como eu abissal cuja geometria é o que há para fazer. É a terra que há para se mensurar, mesmo sabendo que "roubaram-me o poder ser antes que o mundo fosse"²⁷.

* * *

Para a espécie humana, não há nenhuma finalidade pré-determinada. Fernando Pessoa nos mostra a condenação irreduzível que, diferentemente das outras espécies, nos obriga a lidar com os três níveis - Primário, Secundário e Originário - de modo a construir nossa estação no mundo. Construção sempre precária porque apenas resto irrisório da frustração do não atingimento do único desejo que há, o de não-Haver. "Um destino misterioso nos deslocou. Como engenheiros que houvéssemos nascido nos sertões africanos, trazemos em nós capacidades que não podemos realizar, o esboço de um destino quenão podemos cumprir"²⁸. Não se pode cumpri-lo não por nenhuma incapacidade momentânea, mas simplesmente por ser impossível. Ciente disso é que ele vai exigir o vigor de uma Humanidade para além das limitações etológicas e neo-etológicas do Primário e do Secundário, para além, portanto, "do animal humano que herdou sem querer a

cultura grega, a ordem romana, a moral cristã e todas as mais ilusões que formam a civilização em que sinto”²⁹.

A obra de Pessoa e a experiência que descreve nos convidam a partilhar de uma visão que pareceria niilista não fosse sua proposta (enraivecida) de uma “Humanidade dos Engenheiros”, “uma Humanidade matemática e perfeita”³⁰ que operasse em função da “necessidade da adaptação artificial”, ou seja, da “transformação violenta da sensibilidade de modo a tornar-se apta a acompanhar, pelo menos por algum tempo, a progressão de seus estímulos”³¹. Então, “sentir tudo de todas as maneiras”³² é outro lema de sua pedagogia, que obriga ao exercício anti-preconceituoso permanente de não aceitar qualquer sentido já estabelecido senão como resultado de recalque que, mesmo tendo sido adequado em dado momento, é necessariamente empecilhador dos novos passos exigidos pela força constante do movimento pulsional. Apesar de seu destino desajeitado e “deslucado”, como diz a Nova Psicanálise, apesar da radical impossibilidade de atingir seu objeto do desejo, que não há, humano, para ele, é o que não abre mão de ser uma “grande Ânsia, do tamanho do Possível”³³.

A Pedagogia de Fernando Pessoa implica em acostrar qualquer um, toda uma geração - é uma “experiência coletiva”³⁴ -, para deparar-se com seu fado crucial de “cansaço de todas as ilusões e de tudo o que há nas ilusões - a perda delas, a inutilidade de as ter, o antecansaço de ter que as ter para perdê-las, a mágoa de as ter tido, a vergonha intelectual de as ter tido sabendo que haveriam de ter tal fim”³⁵. Só mediante a passagem por esta experiência de indiferenciação total do que há e conseqüente ação no mundo (seu manejo) rememorando-a permanentemente, é que se pode conceber um sujeito educado. E quem é ele? É aquele - o Simples, o Um, o Comum - de quem falam os Grandes da humanidade. Walt Whitman - também com seus “heterônimos”, todos sob o nome de Walt Whitman - a ele se referia como you all ou One’s-Self: a simple separate person (aquele que exclama: Salut au Monde!). James Joyce buscava seu Homem Comum Enfim (Here Comes Everybody). Rousseau, o amável estrangeiro (que surge apesar de seu aprisionamento cultural). Robert Musil, o Homem sem Qualidades. Gilberto Freyre, o miscigenado (capaz de incluir todas as etnias). Mario de Andrade, o herói sem nenhum caráter (portanto, podendo ter todos). Guimarães Rosa, o Riobaldo (que per fez sua travessia

pelo Grande Sertão). Fernando Pessoa, as suas Pessoas (ninguém)... etc., etc. ... E a Nova Psicanálise, o Homem com'Um (que pode fazer a anamnese de sua experiência de freqüentação do Cais Absoluto)...

Não confundir - como facilmente se confunde - esse Um com nenhum servil, por mais comum que seja, de arrumações partidárias. Trata-se, sim, justamente daquele que, como Freud, sabe que felicidade é algo que não se inclui no projeto do homem. Portanto, pode operar em qualquer Partido, é um esclarecido, sem medo de ser infeliz, sabendo que o que há é o exercício da "engenharia", do "navegar é preciso", da "adaptação artificial". Artificio, com seu radical ART, é o termo-chave para o entendimento das bases da ação humana. Não é à toa que Fernando Pessoa se ocupou tanto da Estética. Se a tomarmos como campo não de nenhuma oposição racional/sensível, mas do tratamento amplo e geral das articulações e vinculações do homem e do Haver³⁶, poderemos entender que o Comum, o Povo, só é possível se puder ir onde o artista está, ao contrário do que diz certa musiquinha. E onde é isso? No lugar em que só um indiferenciante Vínculo Absoluto se dispõe, com'Um a todos em relação a ele (e não a todos vinculados entre si). Era isto que, por exemplo, Whitman - a quem Fernando Pessoa escreveu uma Ode -, exigia como "prova de um poeta" (e que, por Revirão, é prova de que um Povo o seja): "Que seu país o absorva tão afetuosamente quanto ele o absorveu"³⁷. A condição desse Vínculo Absoluto é que cada Um saiba que "sua vida humana é cheia de tudo que constituiria uma série de angústias para uma sensibilidade verdadeira". Só assim ultrapassa-se a vida "vegetativa" nossa de cada dia e o que sofremos pode nos "tocar a alma"³⁸.

Observe-se, portanto - caso contrário, tudo que expusemos não passaria de tolice -, que o que está em jogo é um pessimismo tão radical que, mesmo (ou justo porque) tendo "náusea física da humanidade vulgar, que é, aliás, a única que há"³⁹, Fernando Pessoa insiste em (desesperançadamente) ser um "caminho"⁴⁰ - as "veredas", as "folhas da relva", a "constelação" (GR, WW e MA) - do Homem por vir, "o Mais Completo", "o Mais Complexo" e "o Mais Harmônico"⁴¹. Aí está, pois, uma conexão com o que a Nova Psicanálise tem desenvolvido como Pedagogia Freudiana, que é a Pedagogia da Indiferença de qualquer sentido dado. Por mais contraditório que pareça, trata-se de uma verdadeira deseducação dos sentidos visando acossar e acompanhar o

surgimento daquele que, referido ao Originário, pode manejar esteticamente o mundo do Primário e do Secundário.

* * *

Esperamos ter apresentado algumas articulações da obra de Fernando Pessoa que nos fazem virar pelo avesso o modo de abordagem de certas questões de nossa contemporaneidade. Por exemplo, a da suposição de "crise" dos valores devida ao confinamento ou ao esfacelamento do eu em função de um narcisismo mal explicado ou de uma desvairada outrificação - ambos se dissolvendo e sendo relançados em propostas mais criativas com o exercício da indiferenciação absoluta de qualquer eu. Outra questão, a da Pedagogia possível para os tempos atuais, que, para além de se desesperar com sua falta de condições ou com o fato de ser "repressora", pode aprender muito com a tensão constante que se explicita no destruir/construir do eu. E a questão do que seja um Povo, um Cidadão, para além do "vulgar", isto é, um portador de diferença porque indiferenciante, e não porque partidário. Ainda mais, a questão da insistência em deixar propostas apesar do "tédio de nojo", da "angústia de exílio" diante do "amarfanhamento entre gente real"⁴²...

E o "amável estrangeiro" a que nos referimos no início, o que tem ele a ver com tudo isso? Se não por nada, acompanhemos o que se escreveu há sessenta anos numa notícia sobre a morte e o enterro de Fernando Pessoa publicada pelo Diário de Notícias de Lisboa: "Era sempre o mais novo de todos os novos que em volta dele se sentavam. Desconcertante, profundamente original e estruturalmente verdadeiro. (...) Tudo nele era inesperado". É preciso mais para vermos o quão "estrangeiro" era? Continua a notícia: "Quem o quiser compreender folheie a sua obra vasta e dispersa. Começará a amá-lo"⁴³...

Para finalizar estas notas, vejamos um pouco como era a Pedagogia - "acompanhar a criança" - que há em Fernando Pessoa. Era muito simples:

A Criança Nova que habita onde vivo
Dá-me uma mão a mim
E a outra a tudo que existe

E assim vamos os três pelo caminho que houver,
Saltando e cantando e rindo
E gozando nosso segredo comum
Que é o de saber por toda a parte
Que não há mistério no mundo
E que tudo vale a pena ⁴⁴.

NOTAS

- * PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego* por Bernardo Soares. Lisboa, Ática, 1982. Recolha e transcrição dos textos: Maria Aliete Galhoz e Teresa Sobral Cunha. Prefácio e organização: Jacinto do Prado Coelho. Vol. 1, p. 45.
- ** LENCASTRE, Maria José de. *Fernando Pessoa: uma fotobiografia*, 3ed. Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda / Centro de Estudos Pessoaanos, 1984. p. 232.
1. ROUSSEAU, Jean-Jacques. *Émile; ou de l'éducation* [1760]. Paris, GF Flammarion, 1984. Citação do plano do livro realizado por Michel Launay em sua "Introdução", p.17. (Cf. também: ROUSSEAU, J.-J. *Émile e Sophie; ou os solitários* [c. 1762]. Porto Alegre, Paraula, 1994. Texto inacabado em forma de carta de Emílio a seu preceptor).
 2. Idem, *ibidem*, p. 443. Grifos nossos.
 3. Idem, *ibidem*, p. 441.
 4. Idem, *ibidem*, p. 619.
 5. JAEGER, Werner. *Paideia; a formação do homem grego*. SP, Martins Fontes, 1979. p. 315.
 6. BADIOU, Alain. *Manifesto pela Filosofia*. RJ, Aoutra, 1991. Versão de MD Magno.
 7. MAGNO, MD. *Pedagogia Freudiana* (Seminário 92). RJ, Imago, 1993. O que apresentamos neste e nos próximos três parágrafos foi retirado desta obra.
 8. MAGNO, MD. *A Música* (Seminário 82). RJ, Aoutra, 1986.
 9. MAGNO, MD. *A Natureza do Vínculo* (Seminário 93). RJ, Imago, 1994. p. 16.
 10. Idem, *ibidem*, p. 17.
 11. PESSOA, Fernando. *Ode Marítima*. *Obra Poética*. RJ, José Aguilar, 1972. p. 314-335. Citemos alguns trechos: "O Cais Absoluto por cujo modelo inconscientemente imitado, / Insensivelmente evocado, / Nós os homens construímos / Os nossos cais de pedra atual sobre água verdadeira, (...) O Grande Cais Anterior, eterno e divino! (...) Grande Cais como os outros cais, mas o Único".
 12. Cf. MAGNO, MD. *Pedagogia Freudiana*. Op. cit., p. 107: "...Digamos, por exemplo, que há uma pedagogia de Fernando Pessoa sobre si mesmo e emprestada para nós. Quem escreveu aquilo tudo? Quem escreveu todos aqueles autores? É uma pedagogia do Sujeito".
 13. PESSOA, Fernando. [A Gênese dos heterônimos] (um rascunho e duas cartas a Adolfo Casais Monteiro, 1935). *Obras em Prosa*. RJ, José Aguilar, 1974. p. 92.
 14. Idem, *ibidem*, p. 95.
 15. PESSOA, Fernando. *Livro do Desassossego*. Op. cit., p. 30. Cf. também MAGNO, MD. *A Natureza do Vínculo*. Op. cit., p. 255. Grifos nossos.
 16. Idem, *ibidem*, p. XXIII. Citado por Jacinto do Prado Coelho em sua introdução: "Fernando Pessoa sempre existiu". Grifos nossos.
 17. *Mensagem*. *Obra Poética*, p. 82.
 18. *Livro do Desassossego*, p. 23.
 19. *Mensagem*. *Obra Poética*, p. 75.
 20. L. D., p. 27.
 21. Idem, *ibidem*, p. 35.
 22. Idem, *ibidem*, p. 30.
 23. Idem, *ibidem*, p. 31.
 24. Idem, *ibidem*, p. 30. Grifos nossos.
 25. Idem, *ibidem*, p. 31.
 26. MAGNO, MD. *Velut Luna; a Clínica Geral da Nova Psicanálise* (Seminário 94). RJ, UniverCidade de Deus (publicação provisória), 1995. p. 208. Neste Seminário, o autor se refere a Fernando Pessoas - de onde retiramos a idéia geral deste nosso texto.
 27. L.D., p. 30.
 28. [O Paganismo de Caleiro]. *Obra em Prosa*, p. 114.
 29. L.D., p. 93.
 30. *Ultimatum*. *Obra em Prosa*, p. 520.
 31. Idem, *ibidem*, p. 516.
 32. L.D., p. 32. Grifos nossos.
 33. *Ultimatum*. Op. cit., p. 514.
 34. Idem, *ibidem*, p. 520.
 35. L.D., p. 71.
 36. Cf. os desenvolvimentos atuais do Seminário 95 de MD Magno, *Arte e Psicanálise: Estética e Clínica Geral*, realizado na ECO/UFRJ.
 37. Citado por KAPLAN, Justin. *Walt Whitman: a Life*. NY, Simon and Schuster, 1980. Cf. também: "As mensagens dos grandes poetas para cada homem e mulher, Venham a nós em termos iguais, Só assim nos entenderão, Não somos melhores que vocês, O que abarcamos vocês abarcam, Do que desfrutamos vocês podem desfrutar". p. 22.

38. L. D., p. 85-86.

39. Idem, *Ibidem*, p. 86.

40. *Ultimatum. Obra em Prosa*. Op. cit., p. 520.

41. Idem.

42. L. D., p. 54.

43. F. P.: *uma Fotobiografia*. Op. cit., p. 310-311.

44. *O Guardador de Rebanhos. Obra Poética*. Op. cit., p. 211. Grifos nossos.